

Redacção, Administração e Tipografia
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º andar
LISBOA—PORTUGAL
TELEFONE 539 TRINDADE
Officinas de Impressão e Estenotipia
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-feiras—Não se devolvem os originais—Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

A BATALHA

Director interino: ALBERTO DIAS
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores
Assinatura: Incluindo o suplemento semanal, Lisboa, 9550; Província, 3 meses 2350; Estrangeiro, 5 meses 10250
PAGAMENTO ADIANTADO

(AVENCADO)

PREÇO 30 CENTAVOS—ANO VIII—N.º 2479

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

SEXTA-FEIRA, 31 DE DEZEMBRO DE 1923

A crise de trabalho e a carestia da vida

O número dos desocupados continua aumentando. Coincidindo com o recrudescimento da crise de trabalho, o aumento dos géneros de primeira necessidade vai-se acentuando mais.

Dois males, qual deles o mais grave e o mais ameaçador? E perante estes dois importantíssimos problemas os que deviam intervir, os que deviam tomar as medidas que eles requerem, cruzaram os braços, encolheram os ombros e nada fizeram. A indiferença oficial é um facto incontestado e é um facto sintomático.

Que importa que dezenas de milhares de operários se encontrem sem recursos, que não tenham onde ocupar a sua actividade e estejam, por isso, impedidos de prover ao seu sustento e ao de suas famílias? Nada. Se isso ao menos abalasse os privilégios da minoria dos exploradores, se isso ameaçasse as bases em que se apoia esta sociedade iníqua... Mas não abala, nem ao de leve. Os burgueses continuam usufruindo os lucros das suas explorações e cobrando placidamente os pingües dividendos de accionistas dessas companhias e empresas comerciais, industriais e financeiras, autênticas empresas de exploração pública.

De modo que a crise de trabalho é como se não existisse; os desocupados ficam colocados à margem da sociedade, tratados como cães leprosos, indignos de qualquer consideração, indignos mesmo de viver.

O aumento do custo da vida é, principalmente, uma manobra dos assambarcadores. É uma manobra absolutamente triunfante.

O assambarcador tomou o pulso às medidas que se anunciavam contra eles. Para isso ensaiaram timidamente alguns ligeiros aumentos de preço de certos géneros. O ensaio deu o mais lisonjeiro dos resultados.

Vendo-se, então, sóis em campo, sem o menor embaraço, sem o menor entrave regressaram aos hábitos comerciais da guerra e do após a guerra. Os géneros pularam de preço com uma velocidade fantástica. E hoje ainda não se deteve esse progressivo encarecimento da vida.

O assambarcador continua na disposição de abusar da paciência e até, triste é confessá-lo, da passividade dos consumidores.

Está suficientemente demonstrado que o consumidor se encontra engue, sem defesa, à cobiça insofrida dos assambarcadores.

Está também suficientemente demonstrado que os sem trabalho estão condenados a sofrer os horrores da miséria e das torturas da fome.

Está ainda suficientemente demonstrado que a crise de trabalho tende a agravar-se mais e que a carestia da vida vai ainda tornar-se mais excessiva.

Que esperam as vítimas da crise de trabalho e do agravamento do custo da vida?

Estarão dispostas a sofrer todas as inclemências? Estarão dispostas a maiores sacrifícios para vantagem, fortuna e glória dos seus exploradores?

NO CONVENTO DAS TRINAS

O encarregado Durão defende-se, acusando algumas das nossas informadoras

A propósito do nosso artigo sobre o procedimento do encarregado do Convento das Trinas procuraram-nos ontem os srs. José Trindade Durão e José Maria da Silva, o primeiro visado pelo referido artigo e o segundo ex-marido de uma das senhoras a que se alude no nosso escrito.

Por estes cavalheiros foi-nos solicitada rectificação à notícia que demos, por ela, segundo os importantes, não corresponder à verdade.

Primeiro.—Não é exacto que o sr. Durão fosse nomeado pelo actual ministro das Finanças encarregado do Convento. A nomeação provisória daquele cargo foi feita pela comissão angariadora de donativos para as vítimas de Chelas, nomeação confirmada oficialmente em Março do corrente ano pelo então ministro das Finanças.

Segundo.—Não é exacto que nos disse D. Maria Pamplona Corte Real sobre o cento do encarregado Durão, basear que aquela senhora nunca está

TEMAS IRREVERENTES EPISTOLA DA SEGUNDA DOMINGA

Não! Vós não podeis nem sabeis explicar esse desastre que está fora do âmbito da credulidade católica apostólica. Um tal facto, colocado em frente da vossa inteligência, tem o aspecto duma obra diabólica.

E não é. Conservai, por um momento, o vosso olho vigilante, e inclinaí para mim, outro momento, o vosso ouvido e eu vos informarei da verdade terrível.

Ensinam as divinas escrituras, ao nosso espírito impostas pela igreja infalível, e nas quais, por isso, devemos crer sem o mais leve reparo, que a verdadeira virtude provém da verdadeira fé. Mas, dizem os mesmos textos, para que qualquer delas resplandeça na fronte dos mortais é necessário que estes tenham corações limpos, saibam amar e perdoar, sofrendo, sem generosidade, todos os desvarios dos mortais e todas as fatalidades do destino.

Ensinam-nos ainda que a jactância é perversão e o orgulho iniquidade. Que perante a ruindade das paixões e os agravos do mundo, o bom, o verdadeiro, o legítimo crente deve não só esquecer a injúria recebida, mas ainda pedir a Deus, nas orações quotidianas, a salvação daqueles que, como ovelhas trespalhadas, andam perdidos na floresta negra da impiedade.

O que vós não fazeis, ó insensatos, ó mal orientados e esquecidos e rezardes, pedindo a Deus a conversão dos inimigos, andais mas é cavando mais fundo ainda o seu abismo, como os vossos protestos cheios de ódio e as vossas fúrias soltas a trasbordar de fel e de calúnia. E essa loucura vê-se mesmo nas vossas catequeses e sermões, onde há de tudo, menos amor do próximo, menos caridade cristã.

Nos vossos manifestos, largamente distribuídos aos crentes, na ocasião da missa, a linguagem é de tal sorte, cheia tanto a rancor e a mais instintos, que muita gente honesta os tem julgado escritos por almocorves depravados. Por que tal linguagem não é, não pode ser própria de quem reza. Quando muito será própria de quem morde, um arriero praguejando contra um macho que lhe emborçasse a carga, não se desbocaria tanto como vós quando falais daqueles que não tiveram nunca o dom de ser perfeitos e a quem o senhor negou, não sei porquê, a esmola da sua divina graça.

Aqui mesmo onde estou, mais é bem longe, chegam todos os dias palavras obscenas, expressões infamíssimas, trazendo todas o carimbo da igreja e do sinete de Deus, de certo por vós falsificados.

Infames! Bandidos! Fulcúrios! Cana-

lha da pior espécie... Ora eu pergunto: Onde fostes beber tais expressões? Onde colheste exemplos para tamanha perversão? Quando é que o Senhor vos deu licença para aborrecerdes assim o semelhante? Onde é que achastes precedentes de um tão profundo ódio à espécie humana, para desta maneira vos dirigirdes, não à lera do mato, não ao tigre da selva, mas tão somente ao irmão homem? Háveis de perdoar, mas isso sim que é indigno; a isso é que nós devemos chamar torpe.

Que o fizesse um hereje, sem noção alguma do que seja a divina clemência, vá; justificava-se, embora nos custasse a tolerar. Mas vós, que tendes a religião como uma coisa séria e Deus como um ser realmente existente, com quem, depois, háveis de ajustar contas!

Parece que ignorais a grandeza da vossa missão sobre este vale de lágrimas. Quanto à vossa responsabilidade perante Deus, dessa já eu não falo, embora seja imensa. Apenas vos lembrarei que um bom devoto não, pode dizer nunca, seja para quem for: — És um monstro! porque seria tentar a

em casa, ignorando, por consequência, o que se passa.

Disse-nos ainda o sr. Durão, e foi confirmado pelo sr. Silva, que D. Maria Corte Real há dois meses, quando do inquérito feito pelo vereador sr. Bivar de Sousa, declarou a este senhor que o sr. Durão ainda era muito benevolente no Convento.

Terceiro.—Não é verdade que a sindicância tivesse sido arquivada, pois corre os seus tramites.

Quarto.—A expulsão de D. Angelina Ferreira da casa que habitava foi determinada pela Direcção Geral em virtude de imoralidades cometidas por aquela senhora e sua comadre Isaura Pinheiro da Silva, que constituem faltas disciplinares punidas pelo regulamento do Convento.

D. Angelina Ferreira, a pesar de estar avisada para retirar da casa que habitava, 20 dias depois desse aviso ainda se conservava na dependência que indevidamente ocupava, o encarregado Durão intimou-a a abandonar a casa. Foi nessa ocasião, asseveraram-nos os srs. Durão e Silva, que D. Angelina cresceu para o primeiro de martelo em riste para o agredir. Como pôde defendeu-se da agressão, recorrendo D. Angelina a uma cadeira com que pretendia agredir-lo. Ainda nesta altura o encarregado se limitou a defender-se, resultando da cena a ficar D. Angelina com o fato rasgado.

O sr. Durão deu-nos como testemunhas deste caso os srs. José Dias, 2.º sargento António Pereira, D. Margarida Silveira, D. Germana Corte Real e D. Margarida Peixeira.

Quinto.—O cadeado a que D. Angelina se referiu não foi fornecido pelo sr. Durão, mas sim tirado a este por aquela senhora quando elle a ameaçava de lho colocar na porta se não se retrahisse.

Sexto.—Não é verdade que o sr. Durão tenha amantes no Convento. Vive maritalmente ali com uma senhora.

Eis o que nos afirmaram aqueles dois cavalheiros, pondo nós, com a publicação desta rectificação, ponto final no assunto.

A crise do capitalismo

LONDRES, 30.—A constituição das super-estações geradoras de electricidade deve empregar para cima de 75.000 operários. —(L.)

Navio que se salva

NOVA YORK, 30.—O paquete *Francônia*, que havia encalhado em São Juan do Porto Rico, foi posto a nado. —(H.)

Deus Nosso Senhor, pai de todas as coisas. E, não obstante, vós tendes lançado esse epíteto à cara de muita gente: aos dissidentes, ainda os menos liberais; aos republicanos, mesmo os de tolerância e fé notória; aos socialistas, embora muitos berrem por ter fome e aos livres-pensadores, a pesar de alguns deles o serem só nas conferências e nos comícios públicos. De alguns sei eu que vós tendes pretendido atingir com alusões infames, chamando-lhes, a propósito de tudo, miseráveis, famigerados, sanguinários, assassinos, criaturas sem Deus... Criaturas sem Deus! Então vós também calas em semelhante despatúrio? Então vós também acreditais que pode haver coisas ou lugares onde Deus não esteja? Que desculha na escolha das palavras! Que precipitação nos juízos! Que falta de escriptura na apreciação dos factos!

Bem se vê que não andais na graça do Senhor. E eu sei que não andais, por muita soma de razões. Uma delas é o escândalo público que estais dando com a vossa conduta, verdadeiramente diabólica. Se não diz-me: para que pretendes vós ser aquilo que não sois? Para que pretendes ter nas vossas veias sangue azul, se Deus Nosso Senhor a todos deu um sangue igual, injectado por elle, nas artérias de Adão, que o transmitiu a todos nós, sem excepção de um único? Para que vós mostrais tão orgulhosos, se a vossa vida é, como a de maior parte dos homens, chata, vulgar, sem episódios nem grandezas?

De muitos sei eu que, tendo feito comércio com o público, honestamente, quero creio, vendendo-lhe batatas e petróleo, e indo às feiras, carregados de banhas e prendos, se arrogam hoje o título de condes e barões, não dando a mão a um pobre, e para que este lhe não suje a brancura nevada da sua lúva. Entre vós—seio-o eu e o público não o ignora—há cavalheiros que se afirmam descendentes de reis godos, falando em pergamínhos e em Nun'Alvares, e todavia não passam de salicheiros aposentados.

Outros, mais modestos e mais práticos, intermeiam as rezas fazendo o réclame ao seu negócio, não falando senão nas suas fraquezas, nos seus armazéns, nos seus depósitos... Como se houvesse algum armazém ou alguma fraqueira além da da vida, não há reino da glória. Mas quantos, quantos há entre vós que, ao despirem à noite as suas galas e as suas comendas, no regresso dos bailes ou das réctas, se revêm, vexados, nas cicatrizes e verrugas que fizeram e conservam ainda, a vender pelas portas azeite e salpicões, recolhendo, na volta, ordres de vinho e samarras de bode?

Ora, perante Deus, um tal disfarce é uma coisa abominável. Pior do que o pecado da luxúria e tão reparado lá no céu como a ronha do usurário! Proceder desse modo é desprezar os mandamentos de Deus. E irritar o céu. Depois—aquí del-rei que vêm castigos! aqui del-rei que há tremores de terra e fomes e dores intestinais e reumáticas!

Pois se Deus está furioso! Assim, como não há de elle mandar terramotos e castigos de toda a espécie? Como há de elle andar, lá nas divinas alturas, vendo que sois vós os primeiros a mergulhar nas perversões do luxo e iniquidades da carne?

Dizem até, e parece com certos vícios de verdade, que em breve seremos varridos e assados pela monstruosidade de um cometa que aí vem, largando fogo, e uma rabo de alguns milhões de léguas e uma bocarra imensa, que tem feito assustar todos os mundos onde passa. E tudo isto porquê? Se vos não sou pesado, esperai nova epistola na próxima domingo. Entretanto, pax et Dominus vobiscum.

Guerra ao estrangeiro na China

As tropas de Cantão avançam para o norte

LONDRES, 30.—Informam de Xangai ao *Times* que as tropas de Cantão, depois de terem tomado Fouchou, sobem para o norte, a fim de realizarem a junção com o outro exercito. Esta operação tem sido até agora retardada pelo frio. —(H.)

A «expectativa» francesa

PARIS, 30.—*Le Petit Parisien* diz saber que o governo inglês parecia as razões justificadas da expectativa da França perante os acontecimentos da China, e constata com satisfação o accordo entre os gabinetes de Londres e Paris sobre a questão das tarifas aduaneiras. —(L.)

A hostilidade aos ingleses

XANGAI, 30.—Os círculos nacionalistas recebem hostilmente o «memorandum» inglês que propõe novos tratados entre as potências e a China baseados num tratamento de igualdade. O governo vai enviar à Inglaterra uma nota em que declara opor-se às medidas sugeridas. —(L.)

Um violento abalo de terra

GUAYAQUIL, 30.—Informam da fronteira da Columbia que as cidades de Guachucal e Aldana foram destruídas por um abalo sísmico. Por outro lado, um telegrama de Eutlexian diz que as árvores do vale de Yagorral foram cortadas pelo abalo de terra. A cidade de Marañito, situada sobre a linha férrea de Quito, foi quasi totalmente destruída por um incêndio, ultrapassando os prejuízos 250.000 libras esterlinas. —(H.)

Não agredir a Rússia

REVAL, 30.—O ministro dos negócios estrangeiros dos países do Báltico reúne em princípios de Janeiro em Reval para examinar o problema do pacto de não agressão com a Rússia. —(L.)

Notas & Comentários

Cumprimentos

Enviou-nos os seus cumprimentos acompanhados das suas despedidas a distinta soprano ligeiro D. Bida Sayô, de nacionalidade brasileira, que se encontrava entre nós há dias e se fez ouvir em São Carlos. Os nossos agradecimentos.

Livros novos

A *Livreria Civilização*, do Porto, tomou a iniciativa de editar uma serie de romances dos melhores autores nacionais e estrangeiros, sob a rubrica geral de «Coleção de Hoje».

O primeiro volume publicado encerra a celebre novela de Alberto Insua, «O preto que tinha a alma branca». Trata-se duma obra prima da literatura espanhola contemporânea, uma obra cheia de humanidade e de fulgor. «O preto que tinha a alma branca», pelo interesse do seu enredo e pelas flagrantes injustiças que flagela, foi já traduzida para vários idiomas.

O neveiro

Por toda a parte o neveiro anda fazendo partidas — partidas com as espessas. Param comboios, encaham navios, caem aviões, cessa o movimento nas cidades. A humanidade não vê dois palmos diante do nariz—coisa que sucede com frequência nos dias de sol.

Filantropia a preço

Desenvolve-se em toda Lisboa um generoso movimento de carinho para com os animais. Perseguem-se os malfeitores, mas o castigo melhor adoptado é a imposição de multas. É uma questão que os homens e os animais sentem de modo diverso, melhorando, porém, os primeiros e piorando e consequentemente os segundos, para tudo continuar na mesma. As quantias operadas são expressões animadas da burguesia bem-feitora que nunca pensou que uma educação mais perfeita possa ser mais eficaz do que multas e doativos.

Fim do ano

S. Silvestre passa hoje. Durante um sono reparador os pacatos e durante uma ceia inútil os estroinias, findará um ano e começará outro. E assim que manda um calendário que nem toda a gente soleira. A vida, porém, não sofre diversão pelo facto de cair um número e, por isso, os resignados e os filosofos, no momento das suas preocupações, apenas dirão: — Já o ano passado era assim...

A QUESTÃO DA PESCA

Dividem-se as opiniões quanto ao limite mínimo da sardinha

Já ontem dissemos e não é demais repeti-lo: a fixação de um limite mínimo para a pesca da sardinha veio agravar a já complicada questão da pesca.

Há entre o industrialismo do litoral algarvio duas correntes que se chocam ostensivamente: a que se satisfaz com o decreto, pois entende que onze centímetros é o tamanho conveniente para a sardinha ser fabricada, e a que afirma que a sardinha com dez centímetros já pode ser fabricada.

A discussão é dividida-se, intensificando-se a luta.

E os operários aguardam cheios de fome que o assunto seja esclarecido e resolvido, não esboçando o mais leve protesto.

Enquanto os industriais se entregam a este género de desporto que-nos parecer que os espanhóis se aproveitaram para levar a sardinha que apareça, tenha ela onze ou um centímetro.

Em Vila Real de Santo António realizou-se há dias, na Câmara Municipal, uma grande reunião para apreciar o assunto. Compareceram os industriais da terra e as opiniões dividiram-se.

Uns queriam que se continuasse pescando sardinha com onze centímetros; outros defendiam que o limite de dez centímetros estava bem fixado. Triunfaram os primeiros.

Resultado: como a sardinha com as dimensões preconizadas pelo decreto aparece pouco a crise de trabalho não se modificará durante algum tempo.

E o futuro continuará sombrio porque não há pela vida dos que trabalham a mínima consideração.

Que triste é a situação dos que não nasceram em berços dourados!

Espionagem alemã

LONDRES, 30.—O antigo oficial do estado maior Stranderes, preso em Paris sob a acusação de espionagem por conta da Alemanha, encontrava-se naquela capital há três meses e a polícia inglesa, por intermédio da francesa, estava ao facto de todos os seus passos. —(L.)

Revoltas na Rússia

RIGA, 30.—Está averiguado encontrarem-se em plena revolta, contra os novos impostos, muitas províncias russas, havendo sido proclamada a lei marcial em vários distritos da Ucrânia. —(L.)

O TERROR POLICIAL BULGARO

SÓFIA, 30.—Segundo notícias provenientes de Belgrado, a polícia búlgara descrebriu um vasto «complot», cuja finalidade era assassinar o soberano e todos os ministros. —(L.)

PELA VIDA HUMANA

Um apelo aos homens de sentimentos generosos

Visado pela comissão de censura do Porto, e publicado no jornal *A Comunha*, foi distribuído o manifesto que a seguir inserimos.

Senhores:

Quando, do fundo sinistro dos ergástulos, as vítimas das iniquidades sociais erguem a sua débil voz, clamando justiça, impõe-se aos homens de sentimentos generosos e altruístas, aos homens que cultivam ardentemente a ideia sacrossanta da Liberdade, ir imediatamente em seu socorro.

Uma vítima que pede justiça, é como um naufrágio que pede um auxílio. Ambos se querem salvar: um, da maldade de quem julga; outro, das forças da natureza em revolta. E, qual será o coração verdadeiramente humano que se conserve surdo perante o primeiro, e indiferente e arrogante, perante o segundo?

Há na história simples dos desgraçados, dos infelizes que são obrigados a suportar o peso infinito da organização social presente, verdadeiras epopeias de dor! E, quem as provoca? quem as determina? quem é que as semeia impunemente, para, depois, se revolver em um charco de lágrimas e de sangue? A vilania, o ódio, o rancor, a maledicência, a ignominia e a arbitrariedade dos potentados.

Sim, para aqueles que trabalham utilmente, para aqueles que vivem em chroupas, em pocilgas, rodeadas de palácios, que não têm que vestir, havendo tanto vestuário—para estes, a existência dos potentados constitui um flagelo.

E este flagelo ainda se torna mais horrível, quando os potentados se transformam em Thiers e Gallifet para fusilarem os trabalhadores, ou em Maura e La Cierva para garrotarem aqueles que pensam livremente.

E por isso que a solidariedade humana—aquella solidariedade que brota espontaneamente das almas e dos corações sujeitos às mesmas dores, às mesmas lágrimas e às mesmas penas—não reconhece fronteiras, quando é necessário acudir aos rogos das vítimas. Como aza subtil do pensamento e da liberdade, como o facto radiante de luz e energia, ela, a solidariedade, atravessa os mares, galga as montanhas, estende-se em ondas divinizadas através do espaço, para arrancar das garas aduncas do verugo aquela pomba inocente que as malhas duma lei arbitrária—la lei do mais forte—e o capricho insensato dos inquisidores, impeliram até elle...

O sofrimento dos homens vem a ser, assim, uma consequência fatal do estado de coisas que suportamos sobre os nossos ombros. Vivendo uns homens na dependência doutros homens, com certeza que o dualismo de interesses há de gerar uma profunda desigualdade entre eles, estabelecendo-se, portanto, o que vulgarmente se designa por conflitos sociais. Dum lado, a opulência; do outro, a miséria. Como harmonizar as duas coisas? Daqui nasce a luta. Luta gigantesca, luta homérica, em que a liberdade—princípio activo da igualdade social, se sobrepeça, com a sua fronte alva e luminosa, à autoridade—princípio activo da tirania e da desigualdade social...

Os que lutam intertemeramente pelo triunfo da liberdade são, a miúdo, presa dos turberfícios da autoridade, porque, os que cultivam a pseudo-ciência do mando não querem conceber os princípios da liberdade nem da igualdade. E, encerrados na sua ilusão de senhores onnipotentes, arvoram-se em polícias, em carcereiros, em juizes, para aniquilarem os apóstolos da Ideia.

E assim que, neste momento, se encontram encerrados nas prisões duma cidade americana—Dedham—Massachusetts—dois honestos operários—Nicolau Sacco e Bartolomeu Vanzetti, sobre os quais impende, horrível e pavorosa, uma iníqua sentença de morte!

E é na América, no país que tem, à sua entrada pelo Atlântico, uma estátua, um símbolo à deusa Liberdade, que os juizes, metamorfoseados em criados das classes dominantes, condenam à morte criaturas inocentes dos crimes de que as acusam! Que ironia!

A liberdade a servir de ódio veggo dos parasitas! E os homens que dizem ser os executores da sua vontade suprema, a macularem a sua consciência—se é que a têm!—para dar uma grata satisfação a aqueles que pretendem impiedosamente esmagar a Ideia e os idealistas!

«Ah! Liberdade! Liberdade! Quantos crimes se cometem em teu nome—diz o povo na sua ingenuidade, por vezes senhora absoluta da verdade das coisas. E de facto, a condenação à morte destes dois operários constitui um crime cometido à sombra da liberdade: a liberdade dos potentados poderem dispor a seu talante da vida dos trabalhadores!

Porque Sacco e Vanzetti estão inocentes do crime que lhes atribuem. Se não fossem dois militantes operários, orientadores dos seus irmãos de sofrimento e de miséria, ninguém se lembraria deles para lhes manchar a fronte com o estigma de criminosos. Assim, é o que se observa. Os potentados americanos, como os dos outros países, não perdoam aos indivíduos que pregam a emancipação dos homens. Juraram-lhes guerra de morte. E cumpri-la hão se a solidariedade daqueles que estão sujeitos às mesmas penas se não manifestar em toda a sua exuberância e grandeza.

Mas, qual o crime que lhes imputam? Este: há anos foi assaltada uma casa perto de Massachusetts—houve roubo e mortes. Pesquisas, averiguações, interrogatórios, não deram o mínimo resultado. Os autores da proeza houveram-se de tal modo que não deixaram o mínimo rastro. Mas como era preciso impressionar o público, que já se ia sorrindo zombeteiramente da imperícia policial, surgiu uma ideia luminosa no cérebro dos potentados americanos: apresentar como autores do assalto, roubo e assassinato os dois referidos operários. Presos, a polícia organiza-lhes um processo em que as calúnias correm parrilhas com a infâmia. A pesar dos testemunhos em contrário, a pesar dos detidos provarem conclusivamente o sítio onde se encontravam à hora do crime; a polícia búlgara descrebriu um vasto «complot», cuja finalidade era assassinar o soberano e todos os ministros. —(L.)

modo algum, dos canos das pistolas dos prisioneiros, visto que eram balas de armas muito diferentes; a pesar dos vizinhos, camaradas e conhecidos dos presos atestarem a nobreza de carácter de qualquer deles, achando-os, por isso, incapazes de semelhante vilania; a pesar-dum sem número de provas, em que depuzeram engenheiros, médicos, advogados, etc., a polícia, obedecendo servilmente às ordens dos potentados, enviou-os ao tribunal, acompanhados dum processo que é a maior das ignomínias dos tempos modernos!

E aí, nessa barra da «justiça», encontrou-se um juiz que, sem o menor vislumbre de pudor, sem a mais leve alteração na sua consciência e sem atender, sequer, às inúmeras provas da inocência de Sacco e Vanzetti, os condenou à morte!

Estava satisfeita a primeira parte do ódio que os potentados americanos nutriam pelos dois operários. Estava concluída, portanto, a principal parte da sua obra maldita, urdida na sombra trágica da noite! Sorriam de contentamento...

Mas os trabalhadores agitam-se. E, em todo o mundo culto, um clamor espontâneo se ergueu contra a iníqua decisão do juiz. De tal ordem foi esse clamor, que o veredicto não teve o «orgulho» de ceifar a vida daquelas duas vítimas do ódio patronal, na data que o juiz lhe havia fixado. A solidariedade dos trabalhadores havia conseguido uma revisão do processo.

Julgados outra vez, foram novamente condenados à morte. Mas, logo a seguir, apareceram os verdadeiros criminosos. Exponentemente declaram, nos jornais, que Sacco e Vanzetti nada tiveram com o crime. Eles e só eles é que foram os autores dele. E davam pormenores interessantes, apresentando provas de que ninguém pode duvidar.

Da posse destes novos documentos, os reus e os advogados de defesa requerem uma nova revisão do processo. E' lógico.

«Para que criminalizar inocentes, quando os verdadeiros criminosos, movidos por um alto sentimento de piedade, se apresentam à justiça?

Sr. Consul dos Estados Unidos da América, no Porto:

Creemos ter demonstrado a V. Ex.ª a ignominia que o ódio dos potentados quer consumir no país de que V. Ex.ª é representante a nestá cidade do Porto—cidade de tradições liberais e amante das ideias de liberdade humana. Se V. Ex.ª possui a nobreza dos homens de coração, certos estamos de que não tardará em manifestar ao seu governo o desejo dos trabalhadores portugueses, que é verem restituída a liberdade duas vítimas inocentes—dois Homens que o ódio dos senhores pretende atirar para a vala comum!

Homens de sentimentos generosos e altruístas, que tendes um culto sincero pela liberdade de pensamento e pela vida humana.

Auxiliai-nos na nossa missão, que tem muito de grande, de nobre e de elevado—e teréis, assim, cumprido com o vosso dever mais nobilitante.

Liberdade para Sacco e Vanzetti, que são inocentes! Seja este o grito de todos nós, grito que se ouça em todo o mundo...

Porto, dezembro de 1926.

O Centro Comunista Libertário.

MINA DE SÃO DOMINGOS

Perseguição a elementos operários

MINA DE SÃO DOMINGOS, 29.—Quando dizemos constituir um ataque que não atinge a injustiça que praticam os gerentes e os seus acólitos. Todos notam as injustiças, falam delas, comentam-nas, mas ficam-se a olhar para os lados, dominados por fundados receios de serem ouvidos e perseguidos.

São inúmeros os actos violentos cometidos e justificados pelos gerentes, os quais distribuem favores e salameques.

A revolta agita os peitos dos que vivem no fundo das minas. E as causas da revolta são justas: farinha a 3500 por arrôba, tantos quilos por operário e pessoa de família, um quarto de 60 centavos de renda mensal, médico e farmácia de graça, tabernas por toda a parte, salários que não chegam para morrer de fome, subjugação da vontade e do espirito.

Em 1923, um gerente da mina tentou ofuscar os mineiros

A DOENÇA DO SONO

Uma missão científica a Moçambique

Sabemos que está decidida a ida de uma missão científica de estudos à província de Moçambique, missão que será constituída pelo professor da Escola de Medicina Tropical, sr. dr. Aires Kopke Correia Pinto, por um representante da Faculdade de Medicina de Lisboa, assistente do Instituto Bacteriológico Câmara Pestana, indicado pelo director deste Instituto e por pessoal daquela província.

Este assunto, que há bastante tempo se vinha arrastando, teve agora solução, pois Portugal fez-se representar na Conferência Internacional sobre a doença do sono, que se realizou em Londres em 1925, tendo-se o seu representante nessa conferência referido a uma missão de estudos a Moçambique, que iria fazer incidir parte dos seus trabalhos nas regiões dos nossos territórios do Niassa, imediatamente ao sul do Rovuma.

Esta importante questão, está prendendo a atenção das autoridades e repartições que nela têm tido interferência desde que se realizou a referida conferência internacional que entendem que é a oportunidade de se organizar essa missão, porquanto na África Central já se encontra trabalhando uma missão internacional e em breve para lá seguirá mais duas missões, uma inglesa e outra americana.

TEATRO AVENIDA

Hoje, às 21,30 horas

A representação da comédia

alemã

O PÉ DE SALSA

Adaptação dos escritores Bermudes,

Bastos e A. Brun

A revolução em Nicaragua

Censura norte-americana

LONDRES, 30. — Informam de Managua à Agência Reuter que as autoridades navais dos Estados Unidos estabeleceram a censura militar nas regiões de Puerto Cabezas, Rio Grande e El Gallo. — (H.)

Os liberais tomam Fruta do Pau

MANAGUA, 30. — Os liberais, havendo conseguido passar o rio Isonduo, apoderaram-se de Fruta do Pau. Ficam assim senhores da área em que se encontram as grandes instalações da companhia americana de frutos. — (L.)

Uma opinião categórica

BUENOS AYRES, 30. — Leon Inares, professor de direito internacional, declarou que a intervenção dos Estados Unidos, na Nicarágua, é uma injustificável acção militar gravíssima, pelos precedentes que estabelece. — (L.)

A perseguição dos americanos

MANAGUA, 30. — 600 homens das forças conservadoras, tendo retirado para Bluefi, foram ali desarmados pelos marinheiros americanos. — (L.)

TEATRO VARIEDADES

TODAS AS NOITES DUAS SESSÕES

às 20,30 e 22,30

COM A COMÉDIA PORTUGUESA

O PINTO CALÇADO

Agremiações várias

Grupo de Solidariedade os 21 Ma-

nafactores de Calçado. — Convidam-se os seus componentes a virem pagar hoje à sede, pois amanhã, por motivo de ser dia feriado, não se encontra lá o cobrador.

MÚSICA

9.º concerto Fão

É um verdadeiro encanto o programa do 9.º concerto Fão, marcado para depois de amanhã, domingo, às 15 horas, no Ginásio. Nele será executado o concerto, em 1.º menor, (1692-1770), de Tartini, para violino com acompanhamento de orquestra, a três andamentos, composição notabilíssima de Joseph Joachim, sendo a instrumentação de Fernandes Fão e o solo de violino do exímio professor Luis Barbosa. A Orquestra Sinfónica Portuguesa executará, também, a 7.ª Sinfonia (4 partes), de Beethoven, abrindo a audição «Euryant», de Weber, um mimo de inspiração e preenchendo a 3.ª parte «Nas steps da Ásia Central», de B. rodné; «Caixa de música», número que, a pedido, se repete, e a «Rapsódia slava», do maestro David de Sousa. Como se vê, é verdadeiramente brilhante o 9.º concerto Fão, de domingo, no Ginásio, cujo teatro deve encher à cunha, como tem sucedido nas audições anteriores.

Teatro da Trindade

HOJE — Às 21 horas em ponto — HOJE

A admirável cancionista

argentina

Celia Gámez

A interessante peça em 4 actos

Uma mulher sem importância

competência não passa de um videirismo profissional.

A pesar de tudo, estamos gratos ao senhor agente por não ter ido mais longe, completando uma injustiça flagrante que seria o glúdio dos que recebem perder com a crítica desassombada de uma prepaganda salutar.

Um dos sócios dos Sabujos Alviçareiros e Trampolinos, conhecido pelo *Cobra*, afirmou que se o encarregassem das investigações «sabujas», andar, Ele, porém, não anda, rasteja... — C.

CONFERÊNCIAS

Curso de Fisiologia do Trabalho

A Universidade Popular Portuguesa iniciou ontem o seu curso de «Fisiologia do Trabalho». A primeira lição foi a conferência do sr. dr. João Camoeses, sob o tema «O Trabalho e a Vida», que teve lugar na sede do Sindicato da Construção Civil. Damos uma summa da interessante dissertação:

Chama-se biologia a ciência dos seres vivos. Abrange, portanto, este ramo do conhecimento o estudo da matéria viva, cuja propriedade fundamental é a irritabilidade, ou seja a capacidade de reagir por modificações internas, a todas as alterações do ambiente.

A biologia divide-se em duas grandes divisões fundamentais — a anatomia e a fisiologia. A primeira estuda a forma, as relações e a constituição dos órgãos e dos tecidos que compõem os seres vivos. A segunda trata das propriedades dos tecidos e das acções ou funções dos órgãos.

A fisiologia ensina-nos, pois, a conhecer os fenómenos vitais, cuja essência é constituída por uma transformação de energia que tem um aspecto construtivo, a formação de substâncias orgânicas a custa dos alimentos que se chama assimilação ou anabolismo e a decomposição destas, que se chama desassimilação ou catabolismo. O conjunto destas duas ordens de operações chama-se metabolismo e constitui, repito, a essência da vida.

Cada estado orgânico tem o seu tipo de metabolismo. Durante o repouso, por exemplo, continua dentro do organismo a marcha das duas ordens de operações que o constituem. Repousar não significa, por consequência, parar. Quando muito, equivale a uma predominância das acções reparadoras — assimilação e claminação, sobre as desassimiladoras. Dubois-Reymond representou expressivamente este movimento constante nos seus vários aspectos por um vaso, onde, constantemente, entra e sai uma certa quantidade de água. O domínio, durante uma considerável duração de qualquer dos termos do metabolismo e de seu equilíbrio, traduz-se por crescimento, maturidade ou desaparecimento. Num momento dado, por repouso ou fadiga.

O trabalho humano, isto é, a acção útil do organismo também tem o seu metabolismo próprio. Durante o trabalho e a seguir a ele os órgãos apenas funcionam de uma forma característica. O estudo das maneiras de funcionar determinadas pelo trabalho chama-se fisiologia do trabalho, que assim aparece como um capítulo da fisiologia.

Como é sabido, o ser humano constitui um todo orgânico ou seja um conjunto de órgãos disposto segundo um certo plano e mantendo íntimas correlações. O esqueleto, por exemplo, constitui o órgão de suporte e é formado por ossos que se ligam por meio de articulações de vários tipos. Os músculos, que são de duas espécies, asseguram a forma e o relevo do corpo e tomam a seu cargo o movimento. Os nervos e os centros nervosos reservam-se a coordenação das acções orgânicas, os vasos a circulação e as glândulas, as secreções e excreções indispensáveis. Emfim, cada elemento, incluindo o aparelho digestivo que se reserva a digestão dos alimentos do corpo humano, tem uma acção própria e encontra-se numa perfeita interdependência com os outros. Existe uma acção interna que tem por fim manter a eficácia de todos os agentes do agregado — é o trabalho interno ou fisiológico.

A acção externa, o que se chama ordinariamente trabalho, é o efeito útil do organismo. Trabalho interno e externo estão entre si como energia desenvolvida e energia utilizada. De maneira que o trabalho é sempre a resultante de uma acção em que cooperam todos os elementos do corpo humano.

Mais tarde veremos que a vida sem trabalho não é possível de conceber-se. O trabalho desenvolve-se, sobretudo, a custa do órgão do movimento, do sistema muscular, por isso este órgão predomina na economia do corpo humano. A massa dos músculos estriados pesa num homem de peso médio, ou seja de 70 quil., mais de 30 quilogramas ou seja perto de metade. Durante o repouso contém sempre uma quarta parte do sangue do corpo e toma a sua conta três quartos da actividade do organismo. De modo que o exercício da função do movimento não pode deixar de interessar o organismo inteiro e de atingir os próprios fundamentos da vida. Com efeito a imobilidade conduz à paralisia e à morte.

Por outro lado o excesso do movimento produz os mesmos resultados. Não admira, por isso, que o trabalho que é a aplicação útil do movimento humano seja essencial à vida. De facto, no seu sentido mais lato, exteriorização da energia, como muito bem disse Traves, é inseparável da substância viva. De resto, desde que a irritabilidade é a propriedade fundamental da própria vida e o metabolismo é uma verdadeira essência, não há forma de ignorar que o trabalho é um estímulo essencial da vitalidade, uma condição indispensável à vida.

Mas o trabalho tem como consequência inevitável a fadiga, ou seja a diminuição da capacidade de trabalhar. Com efeito o trabalho efectua-se a custa de uma diminuição das reservas orgânicas e produz um aumento de resíduos, cuja conservação dentro do organismo o prejudica. A fadiga, porém, é uma forma normal de defesa. Dentro dos limites da capacidade de reparação, é promotora de saúde, de resistência orgânica. Só quando excede esses limites se torna prejudicial e nefasta. Com efeito é acumulável, pode, portanto, ir criando condições crescentes de pobreza orgânica que acabem por acarretar a morte.

Tudo o que fica dito é bastante para mostrar que o trabalho é essencial à vida e obtido à própria custa desta. Um golpe de vista sobre as suas repercussões orgânicas torna ainda mais evidente se é possível a veracidade desta conclusão. Assim a respiração e a circulação são excitadas pelo trabalho. Da mesma forma todas as outras funções, incluindo as cerebrais. Por outro lado, como já se disse, a paralisia atrofia, ao passo que o exercício moderado melhora. Chega a dar-se o caso de o tecido muscular durante o exercício viver à custa dos outros, aumentando de peso, enquanto os indivíduos diminuem. Não há dúvida, pois, que como o calor e a electricidade animais, é ao mesmo tempo uma condição e um resultado do funcionamento orgânico.

O trabalho é um estímulo essencial da vitalidade. Tem aspectos químicos, mecânicos, energéticos e psíquicos. Há, pois, uma fisiologia do trabalho, abrangendo a sua bio-química, bio-energética, bio-mecânica e psíquica. Nesta ordem de ideias deve ser executado em condições higiénicas, ou seja sob a rigorosa aplicação do conhecimento fisiológico. A linguagem popular quando chama a profissão um modo de vida é exacta, por que trabalhar é viver.

Resoluções da Câmara Municipal de Lisboa

Caixa de Aposentações

Pelo sr. Ferreira Lopes foi apresentada a seguinte proposta que obteve aprovação unânime:

«Considerando que se acha aprovada por esta Câmara, desde 21 de Março, a criação duma Caixa de Aposentações para os seus funcionários, bem como o respectivo Regulamento;

Considerando que é de toda a urgência dar execução a essa resolução, actualizando, porém, o dito Regulamento; Proponho:

1.º — Que, a partir do próximo 1.º de Janeiro, sejam considerados socios da Caixa de Aposentações dos Empregados da Câmara todos os funcionários técnicos e burocráticos, que pertencentes aos quadros, quer contratados, com excepção, porém, daqueles que estão contribuindo para a Caixa das Aposentações do Estado e dos que foram dados por inabilitados pela Junta Médica Municipal;

2.º — Que seja obrigatório para o pessoal técnico e burocrático que de futuro for admitido, a sua inscrição como socio da referida Caixa de Aposentações dos empregados da Câmara;

3.º — Que o regulamento aprovado na sessão da Câmara Municipal de 11 de Março de 1923, seja substituído por aquele cujo projecto submetto á aprovação da actual Comissão Administrativa;

4.º — Que para a direcção da dita Caixa sejam nomeados o vogal da Comissão Administrativa João Baptista Gomes para vice-presidente e o funcionário João da Silveira Gomes para secretário.

Os quiosques da Rua 24 de Julho

Pelo sr. Quirino da Fonseca foi apresentada a seguinte proposta que foi unanimemente aprovada:

«Proponho que seja prorrogado até ao dia 15 de Janeiro o prazo para a desocupação dos quiosques instalados na rua 24 de Julho e Praça dos Restauradores, a fim de serem fixados convenientemente os logares para onde podem ser transferidos».

As taxas nos cemitérios municipais

Pelo sr. Bivar de Sousa foi apresentada a seguinte proposta que foi aprovada:

«Devendo entrar em vigor no próximo dia 1.º de Janeiro, a nova tabela das taxas a pagar pelos diversos serviços nos cemitérios municipais da cidade de Lisboa, e taxas de instruções e de venda de terrenos nos mesmos, na qual é elevada a taxa de entrada de cadáveres em jazigos particulares e que não pertencem às famílias dos finados, deixa de ter justificação o disposto no § 9.º do art. 56.º do Regulamento dos Cemitérios Municipais, o qual é como que uma garantia dada ao proprietário do jazigo que concede a entrada do cadáver no seu jazigo, proponho:

1.º Que por esta forma fiquem avisadas as pessoas que tenham feito depósitos nos termos do § 9.º do art. 56.º do Regulamento dos Cemitérios Municipais, a poderem, no prazo de 90 dias a contar da aprovação desta proposta, fazer o levantamento dos referidos depósitos nas administrações dos mesmos cemitérios. Findo esse prazo reverterão os depósitos não reclamados para a Fazenda Municipal.

2.º A partir do dia 1.º de Janeiro próximo fica sem efeito o disposto no dito § 9.º do art. 55.º do citado Regulamento.

Os pavimentos na cidade

O sr. Quirino Lopes apresentou a seguinte proposta que foi aprovada:

«Tendo em vista que a conservação e melhoramento dos pavimentos da cidade, compreendendo uma área extensíssima, exigem elevado dispêndio, mas sucedendo que não concorrem especialmente para custear esse encargo do Município, os indivíduos que têm as suas propriedades servidas por essas vias de comunicação;

Considerando que só por meio de uma contribuição generalizada a esses proprietários com razoável equidade, se poderão obter os recursos indispensáveis à regular beneficiação dos pavimentos da capital; Proponho:

Que seja criada a taxa de pavimentação exclusivamente destinada a melhorar os pavimentos da capital, devendo essa taxa ser paga anualmente em qualquer época que convenha para a respectiva cobrança e nas seguintes condições:

Por cada metro linear de propriedade urbana confrontando com a via pública: Propriedades com valor até 50.000\$000 — 1\$00; idem, 50.000\$000 a 100.000\$000 — 2\$00; idem, 100.000\$000 a 500.000\$000 — 4\$00; superior a 500.000\$000 — 10\$00.

As divisórias de jardins ou logradouros dessas propriedades assim como as que tenham frente para mais de uma rua, é somente aplicada a metade das respectivas taxas. Propriedades rústicas, 5\$00; propriedades mistas, isto é, constituídas por largos tratos de terrenos com edificações para moradia, formando bairros, 1\$00.

A taxa de pavimentação poderá ser diminuída ou mesmo suprimida quando o estado dos pavimentos da capital assim o permita ou o município obtenha outros recursos financeiros para o custeio destes serviços especiais.

Outros assuntos

A Comissão Administrativa fixou em 720\$00, além de 1.500\$000 de taxa de indemnização, a multa a aplicar a Américo Marques de Oliveira, por ter feito alterações no seu prédio sito na rua do Cruzeiro, à Ajuda, n.º 133 e feito também habitá-lo sem as devidas licenças municipais.

Atendendo ao pedido formulado pelo Sindicato dos Operários Municipais, a Comissão Administrativa prorrogou até ao dia 31 do próximo mês de Janeiro, o prazo para os operários municipais se munirem do bilhete de identidade e da certidão do registro criminal.

Foi municipalizada uma rua que Francisco Rodrigues e outros possuíam na Azinhaga dos Toucinheiros, num bairro que construíam ao Beato.

Não foi deferido um requerimento em que os proprietários da Vila Nova da Estrela pediam a municipalização daquela vila, por a considerarem um verdadeiro aborto que envergonharia uma instituição municipal.

Foi em princípio aprovado o orçamento ordinário da receita e despesa para a gerência de 1927.

Uma comissão de locatários dos mercados da Praça da Figueira e de Alcântara estiveram ontem nos Paços do Concelho pedindo prorrogação do prazo para transformarem os seus estabelecimentos passando a vender neles artigos próprios dos Mercados. A Comissão Administrativa não atendeu o pedido mantendo a sua resolução.

OS QUE MORREM

Sarmiento Duque

A morte levou agora uma figura interessante no jornalismo português — Sarmiento Duque, que apenas contava trinta e cinco anos de idade. Notabilizou-se o jornalista ora falecido pela sua faceta humorista, embora se distinguisse por muitas outras qualidades. Demos algumas notas biográficas.

A actividade profissional de Sarmiento Duque fica dispersa por muitos jornais. No século da noite, no antigo *Popular*, no *Jornal*, no *Diário de Lisboa*, no *Diário de Notícias*, onde era presentemente sub-chefe da redacção, aquele desditoso rapaz, bastas vezes marcou um invulgar temperamento literário e jornalístico. Pode, contudo, dizer-se que foi aqui, no nosso jornal, nesta redacção, que o seu espírito mais exuberantemente se afirmou, em artigos anónimos, em crónicas da sua griffe, e que ainda hoje são recordadas.

A literatura ficava-lhe devendo um lindo livro, uma novela de delicada tessitura «A Branca», que constituiu um êxito de livraria e marcava uma esperança de escritor forte.

O humor de Sarmiento Duque fazia sorrir pela observação sempre justa e penetrante, pelo conceito sempre apropriado e inteligente. Era certamente um jornalista de raro talento, um dos que honram, dos que nobilitam a profissão. Em algumas páginas do *Diário de Lisboa*, ele demonstrou bastas vezes que a reportagem não tinha para si segredos. Vivia com a perfeita intuição do jornalista, e todos os pormenores, desde os maiores aos mais insignificantes, tinham na sua pena brilhante a justa medida, a devida proporção, sem um deslize, sem um exagero.

Sarmiento Duque há alguns anos que tinha a sua saúde abalada. A tuberculose tomara conta dele. Há pouco mais de um ano, veio da Serra do Caramulo bastante melhor. Há três meses caiu à cama. Vieram os frios. Começou a cair a neve. Os médicos já nem abanavam a cabeça. Tudo estava perdido. Antontem ainda lhe jornais, ainda se referiu a amigos e a companheiros.

Quando seu tio, o jornalista sr. José Sarmiento, pelas portas da madrugada, chegou a casa do pobre rapaz — Sarmiento Duque já não existia.

O enterro de Sarmiento Duque realiza-se hoje, às 15 horas. Sarmiento Duque era sócio do Sindicato dos Profissionais da Imprensa, da Casa dos Jornalistas e da Caixa de Previdência do Sindicato.

Na sua casa da rua Latino Coelho, 51, estiveram muitos jornalistas, homens de letras e alguns artistas de teatro, meio onde Sarmiento Duque contava inúmeras simpatias.

Francisco Maria Fernandes

Na sua residência, rua de São Paulo, 78, 4.º Esq., faleceu ontem o sr. Francisco Maria Fernandes, empregado no comércio, tio do nosso camarada dos hospitais civis, Manuel dos Santos.

O funeral realiza-se hoje, pelas 15 horas.

TEATRO MARIA VITÓRIA

Telef. N. 3644

Hoje — 2 Sessões — Hoje

com a revista de Silva Tavares,

Lourenço Rodrigues

Xavier de Magalhães

Sempre fixe

musicada por Wenceslau Pinto,

Alves Coelho e Raul Portela. — Cenários

de E. Reis, Renda e Serra.

Amâncio, R. Martins e Almeida Duarte

Magnífico espectáculo

PREÇOS POPULARES

INSTRUÇÃO

Uma nova escola primária

O ministro da Instrução aceitou a oferta de um edifício que o sr. Alípio de Jesus Gonçalves tomou o compromisso de mandar construir e doar ao Estado para a instalação da escola primária do lugar de Nogueira, concelho de Bragança, devendo ser nomeada para a sua regência a professora que oportunamente for indicada pelo doador.

A EPOPEIA DO TRABALHO

— POR —

Ferreira de Castro, com desenhos de

Roberto Nobre

Esplêndido livro, que é um verdadeiro hino ao Trabalho, com dezenas de gravuras. A venda nas livrarias, ao preço de 6\$00 e, a cobrança, de 7\$00.

Pedidos à *Livraria Renascença*, de J. Cardoso, editor, Rua dos Poiais de São Bento, 27 e 29 e à Administração de *A Batalha*, calçada do Combro, 38-A, 2.º — Lisboa — Portugal.

TEATRO NACIONAL

Telefone N. 3049

Companhia Berta Bivar-Alves da Cunha

HOJE — HOJE

A PEÇA DE GARRETT

PREI LUIS DE SOUSA

Nos primaciais papéis:

Berta Bivar e Alves da Cunha

A VENDA A 10.ª SÉRIE

de «Os Mistérios do Povo»

Interessante romance histórico profusamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6\$00.

A obra mais barata que no género se publica

Telefone N. 5474

TIVOLI

As 21 horas

O Ladrão de Bagdad

Visões das Mil e Uma Noites

Super-film de magia com

DOUGLAS FAIRBANKS, o criador do

Sinal do Jorro e de Robin dos Bosques

REVISTA MUNDIAL

AMANHÃ

MATINÉE ÀS 3 HORAS

O ladrão de Bagdad

é um belo espectáculo para grandes e pequenos.

Exibição completa do «film» que começa a passar às 9 horas e 20 minutos precisos.

O ladrão de Bagdad

É o mundo sedutor das Fadas, dos Gnomos, dos prodígios da Varinha de Condão, dos Tapetes Volantes das Cavernas Mágicas, tendo por cenário o Oriente, com os seus costumes estonteantes.

Realização especial pela orquestra de NICOLINO MILANO

TEATRO SALÃO FOZ

Matinée às 3 da tarde—Soirée às 8,45

HOJE — espectáculo sensacional — HOJE

ESTREIA da grande companhia

de bailados russos

e divertimentos

Sascha Morgowa

A mais célebre atracção do mundo

Nú artístico — Quadros plásticos

Luxuosa apresentação

Cenários próprios

Surpreendentes efeitos de luz

CONCERTO pela FOZ MELODY BAND

No decorrer: UMA PAGINA EM BRANCO, 8 partes

Os preços não são aumentados

TEATROS

Últimas de «Pinto Calçado»

Porque não haverá ninguém que não queira ter uma grande noite de alegria e de risota, vindo, no Variedades, no Parque Mayer, a famosa farça «Pinto Calçado», vem a propósito, a título de prevenção, dizer que as suas últimas representações estão já a fazer-se no elegante e popular teatro, para dar lugar à continuação do vasto e esplêndido repertório da companhia de Maria Matos-Mendonça de Carvalho, tendo estes ilustres artistas empresários preparados, para amanhã, uma segunda «matinée» com a mesma engraçada peça, para alegria das crianças, contentamento dos velhos e satisfação das famílias.

«Sempre Fixe» «Sempre Fixe»

«Sempre Fixe», a nova revista do Maria Vitória, depois de consagrada pelo público, é agora revista mais popular de Lisboa. Integramente diferente de tudo quanto se tem visto no género, reflecta de novidades e atracções, agradando a gregos e a troianos, com um quadro de comédia molecular de graça e de espírito, um outro de rua, esplêndido de crítica e de piada, com imensas fantasias, números de efeito, bailados, «girls», canções, fados, cores, finais de acto, maquinaria, rico guarda-roupa, vistoso cenário, etc., «Sempre Fixe» marca também a audácia do seu empresário António de Macedo e o talento dos seus actores e maestros. Repete-se hoje em duas sessões, a preços populares.

A «Fedra» de d'Annunzio e Pizzetti

Em recita extraordinária realiza-se hoje em São Carlos a primeira audição em Portugal de uma obra prima da música moderna, a tragédia lírica «Fedra», poema do genial Gabriel d'Annunzio e partitura do grande compositor Ildebrando Pizzetti.

Nesta recita que é a ante-penúltima da temporada, estreia-se a eminente cantora Giulietta Tess, a intérprete de todas as obras de Pizzetti, que apenas vem contratada para duas recitas.

Amãnhã, em benefício da Assistência Pública de Lisboa, canta-se a «Bohème» e a ópera num acto «Rosas de todo o ano».

MARCO POSTAL

Beja.—Armando J. da Silva.—Recebeu 38\$00 da sua assinatura e de E. J. Ferro dos Santos, tendo as duas assinaturas ficado pagas até 30 de Novembro, p. d. Respeitamos a sua indicação e era favor enviar-nos a quantia da sua assinatura do corrente mês em vale do correio ou carta registrada.

Coimbra.—Tomás da Fonseca.—Por lamentável equívoco a sua carta só pôde seguir hoje.

CAMBIO

| Países | Compra | Venda |
|-----------------------|--------|--------|
| Sobre Londres, cheque | | 94\$75 |
| Madrid, cheque | 3\$00 | |
| Paris, cheque | 2\$78 | |
| Luiza, cheque | 2\$79 | |
| Bruxelas, cheque | 2\$74 | |
| New-York, cheque | 19\$60 | |
| Amsterdão, cheque | 7\$84 | |
| Itália, cheque | 3\$89 | |
| Brasil, cheque | 2\$35 | |
| Praga, cheque | 5\$85 | |
| Suécia, cheque | 5\$24 | |
| Austria, cheque | 2\$77 | |
| Berlim, cheque | 4\$67 | |

TEATROS

São Carlos.—A's 21.—Fedra Nacional.—A's 21.—Frei Luís de Sousa. São Luís.—A's 21.—O Príncipe Orloff. Ginásio.—A's 21, 23, 25.—O caso da Trindade.—A's 21, 23.—Uma mulher sem importância. Politeama.—A's 21.—O Inimigo. Avenida.—A's 21, 23.—O Pé de salsa. Apolo.—A's 20, 22, 24.—A Mouraria. Eden.—A's 20, 22, 24.—Cabaz de Morango. Variedades.—A's 20, 22, 24.—O Pinto Calçado. Maria Vitória.—20, 22, 24.—Sempre fixe. Coliseu.—A's 21.—Companhia de circo. Salão Foz.—A's 15 e 20, 22.—Variedades. Joaquim de Almeida.—A's 21.—Variedades.

CINEMAS

Tivoli.—Avenida da Liberdade.—Olimpia.—Matinês e noites.—Salão Central.—Praça dos Restauradores.—Chiado Terrace.—Rua António Maria Cardoso.—Cinema Condes.—Avenida da Liberdade.—Pathé Cinema.—Rua Francisco Sanches.—Salão Ideal.—Rua do Loreto.—Eden Cinema.—Rua do Alívio (Alcântara).—Cine Paris.—Rua Ferreira Borges.—Alhambra.—Parque Mayer. (Variedades).—Salão Lisboa. (Mouraria).—Cine-Expectação.—(Rua da Esperança).—Domingos, terças, quintas e sábados, às 20, 30, animatográfico.—Salão da Promotora.—A's 20 horas.

Associação de Socorros Mútuos RODRIGUES DE FREITAS. Sede.—Rua de São Bento, 11, 1.º

AVISO

Convoco a reunião da Assembleia geral para o dia 3 de Janeiro pelas 21 horas, a fim de se proceder à eleição dos corpos gerentes para o ano de 1927 e nomear-se o Delegado ao Tribunal de Previdência Social. Não comparecendo número legal de sócios fica desde já marcada para o dia 15 à mesma hora e no mesmo local. Lisboa, 31 de Dezembro de 1926.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral (a) José Filipe da Conceição Sousa

Um livro interessante Acaba de ser posto à venda uma bela obra de RICARDO MELLA, IDEÁRIO, que consta dum volume de 336 páginas dividido nos seguintes capítulos: Doutrinas — Crítica Social — Educação — Liberdade — Tática — Evolução — Revolução — Violência — Liberdade — Autoridade — Enxame Filosófico — Moral — Temas sociológicos — Pedagogia — Vida Espanhola — Homens Representativos — Trabalhos Políticos — Lições — Fragmento Inédito. Preço 15\$00 — Pelo correio 16\$50 Pedidos a Administração de "A BATALHA".

do Alazão, tão famoso patriota até agora, na tua opinião, e que suspeitas de que se tenha vendido por uma porção de aveia dada por algum agente de Pitt e de Coburgo. —Pois, camarada, voltando ao Alazão, começo por dizer que ele é patriota a seu modo. Imaginem lá: ultimamente, no combate de Kaiserslautern, fomos nós a galope, com uma secção da minha bateria, tomar posição. Eu levava uns dois carroceiros condutores de artilharia que guiavam seis cavalos atrelados à minha peça, e que ansiavam por ir ao fogo... quando de repente um esquadrão prussiano, até então oculto por uma elevação de terreno, se descobriu de repente e carregou sobre nós. Prestavam-nos auxílio um esquadrão do terceiro regimento de hussares... Nós defendiam-nos como leões; nisto o meu Alazão agarra pelas crinas do peçoço o cavalo dum prussiano. O meu cavalo não largava o seu prussiano de quatro pés quando uma bala o feriu numa perna e ele caiu comigo. Eu fiquei-lhe debaixo, mas consegui salvar-me graças à intervenção de dois hussares, que eu via pela primeira vez, Vitor e Oliveira dois inseparáveis do exército do Reno, dois valentes! —Vitor e Oliveira? disse Castillon consigo mesmo. Singular ideia me sugerem estes dois nomes!... Serão acaso o nosso aprendiz e a irmã do patrão?... A-pesar-de tão singular disfarce, talvez seja isso... tem-se visto muitas patriotas alistadas no exército para seguirem a guerra maridos ou amantes... Enquanto Castillon assim meditava, ouviu-se um tiro disparado por uma sentinela, que devia estar a uns cem passos de distância da estalagem. O capitão disse logo a um sargento: —Leva quatro homens contigo, e vão ver o que há de novo: este tiro deve ter sido disparado pelo nosso camarada Lebrenn. —Talvez fizesse fogo contra algum espião que quizesse aproximar-se das nossas linhas sem responder a sentinela! disse Duchemin enquanto o sargento saía com os seus homens.

Caminhos de Ferro do Estado DIRECÇÃO DO SUL E SUESTE

Concurso para adjudicação da exploração do bufete da estação de Beja

Faz-se público que no dia 10 de Janeiro de 1927, pelas 13 horas, na sede do Serviço de Movimento, Tráfego e Reclamações, em Barreiro, perante o respectivo engenheiro-chefe do serviço, terá lugar o concurso para a adjudicação da exploração do bufete da estação de Beja.

Para ser admitido a este concurso tem o concorrente que mostrar que efectuou na Tesouraria destes Caminhos de Ferro, o depósito provisório de 250\$00 (duzentos e cinquenta escudos), depósito que será feito até às 13 horas do dia 8.

A base de licitação é de Esc. 5.000\$00 (cinco mil escudos). O concorrente a quem a adjudicação for feita reforçará no prazo de 5 dias, contados da data em que lhe for comunicada a aprovação, o seu depósito provisório até à percentagem necessária para prefazer 10 % (dez por cento) da importância total da adjudicação.

Os cadernos de encargos e condições estão patentes na Secção de Tráfego do Serviço de Movimento, Tráfego e Reclamações, Palácio Coimbra em Barreiro e na Secretaria da Direcção, Rua de S. Mamede (ao Caldas) 63 em Lisboa, onde poderão ser examinados em todos os dias úteis das 11 às 16 horas.

Lisboa, 21 de Dezembro de 1926.—O Engenheiro-Director, Indício Pimentel.

Concurso para a adjudicação da exploração do serviço do bufete da estação de Casa Branca

Faz-se público que no dia 10 de Janeiro de 1927, pelas 13 horas, na sede do Serviço de Movimento, Tráfego e Reclamações, em Barreiro, perante o respectivo engenheiro-chefe do serviço, terá lugar o concurso para a adjudicação da exploração do serviço do bufete da estação de Casa Branca.

Para ser admitido a este concurso tem o concorrente que mostrar que efectuou na Tesouraria destes Caminhos de Ferro, o depósito provisório de 200\$00 (duzentos escudos), depósito que será feito até às 13 horas do dia 8.

A base de licitação é de 4.000\$00 (quatro mil escudos). O concorrente a quem a adjudicação for feita, reforçará no prazo de 8 dias, a contar da data em que lhe for comunicada a aprovação, o seu depósito provisório até à percentagem necessária para prefazer 10 % (dez por cento) da importância total da adjudicação.

Os cadernos de encargos e condições estão patentes na Secção de Tráfego do Serviço de Movimento, Tráfego e Reclamações, Palácio Coimbra em Barreiro e na Secretaria da Direcção, Rua de S. Mamede (ao Caldas) 63, em Lisboa, onde poderão ser examinados em todos os dias úteis das 11 às 16 horas.

Lisboa, 21 de Dezembro de 1926.—O Engenheiro-Director, (a) Indício Pimentel.

Biblioteca de Instrução Profissional

| Mecânica | |
|--|--------|
| Torneiro e Frezador mecânicos | 15\$00 |
| Desenho de máquinas | 25\$00 |
| Material agrícola | 13\$00 |
| Nomenclatura de caldeiras e máquinas a vapor | 13\$00 |
| Problemas de máquinas | 16\$00 |
| Construção Civil | |
| Acabamentos das construções | 16\$00 |
| Alvenaria e Cantaria | 13\$00 |
| Edificações | 13\$00 |
| Encanamentos e salubridade das habitações | 13\$00 |
| Materiais de construção | 20\$00 |
| Terraplenagens e alicerces | 13\$00 |
| Trabalhos de Carpintaria | 16\$00 |
| Diversas indústrias | |
| Condutor de Máquinas | 20\$00 |
| Fogoeiro | 16\$00 |
| Formador e estuador | 12\$00 |
| Fundidor | 13\$00 |
| Piloteagem | 16\$00 |
| Indústria alimentar | 12\$00 |
| Indústria do vidro | 12\$00 |
| Elementos gerais | |
| Algebra elemental | 13\$00 |
| Arithmetica practica | 15\$00 |
| Desenho linear geometrico | 12\$00 |
| Elementos de electricidade | 30\$00 |
| Elementos de fisica | 12\$00 |
| Elementos de Mecanica | 12\$00 |
| Elementos de Modelação | 12\$00 |
| Elementos de Projectões | 16\$00 |
| Elementos de Quimica | 12\$00 |
| Geometria plana e no espaço | 13\$00 |
| Fabricante de tecidos | 13\$00 |

MALETAS DE CABEDAL em todas as qualidades e feitios, vendem-se a preços de fabricante — EM — A ORIGINAL RUA DA PALMA, 266-A

NORTE 5521 e 5528 São os telefones dos 60 taxis CITROËN (Palhinha amarela) DA Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs que devido aos seus postos e garages espalhados pela cidade servem os seus clientes com grande economia de tempo e de dinheiro GARAGES: Avenida Visconde de Valmor, 70 a 76 (sede) e Avenida Almirante Barroso, 21 SUCURSAL: Largo da Estação do Rossio

NÃO COMPREM LIMAS DU GROSAS sem consultar a Empresa de Limas União Tomé Feteira, Lda Sede em VIEIRA DE LEIRIA Fabrico mecânico de todos os tipos e dimensões, em franca concorrência com as melhores marcas estrangeiras EXPERIMENTAR É ADOPTAR—Visitem a nossa agência em Lisboa Travessa do Fala S6, 9-B TELEF. N. 3415

ISQUEIROS Tubos, rodas, chaminés, fundos, molas e pedras, a preços resumidos. Pedidos a FRANCISCO LATTA LARGO DO CONDE BARÃO, 55 Tabacaria e Kiosque

Miguel Fraga Vende ouro, prata e objectos com brilhantes por baixo preço Grande sortimento de monogramas de ouro e prata para carteiras Rua da Palma, 26-28

A GRANDE BAIXA DE CALÇADO SÓ COM O LUCRO DE 10% NA SAPATARIA SOCIAL OPERARIA Sapatos para senhora... Sapatos em geral... Botas pretas grande saia... Botas brancas (saia)... Grande saia de botas pretas... Botas de cor para homem... Não confundir a SOCIAL OPERARIA com a outra casa. Ver bem, pois só lá encontra bons sapatos. A Social Operaria e sapatos das Cavalarias, 18-24, com Filial na mesma rua, n.º 45

LA NOVELA SOCIAL LA LOCA VIDA E' o titulo do n.º 10 da interessante colecção de novelas que se publicam em lingua espanhola sob o titulo generico de Novela Social, encontrando-se a venda na nossa administração ao preço de \$00. Pelo correio \$70.

Livraria de A BATALHA OBRAS DE LITERATURA, CIÊNCIA E ENSINO Abel Botelho—Amanhã... Alexandre Herculano... Lendas e Narrativas (2 volumes)... Cartas (2 volumes)... História da origem e estabelecimento da inquisição em Portugal (3 vols)... Adolfo Lima... Contracto do Trabalho... Educação e ensino... O ensino da história... Aquilino Ribeiro... Anatole France... Estrada de São Tiago... Jardim das Tormentas... Via Sinuosa... As Filhas da Babilónia... Terras do Demo... Augusto Machado—Impossível redenção (novela)... Augusto de Sousa—Folhas perdidas (Fados)... Bento Faria—Missa nova (teatro em verso)... Bine-Sanglé—A loucura de Jesus... Buckner—O homem segundo a ciência... Charles Darwin—Origem das espécies... Campos Lima... O Estado e a evolução do Direito... O Amor e a Vida... Ceia dos Pobres... A Revolução em Portugal... Cristiano Lima—A escola de Nun'Alvares (novela)... Duarte Lopes—Frei Sangué... Eça de Queiroz... O crime do Padre Amaro... O primo Basílio... O Mandarim... Os Matos (2 vols)... A Relíquia... A Cidade e as Serras... Fradique Mendes... Casa Ramires... Prossas Bárbaras... Ecos de Paris... Cartas Familiares... Cartas de Inglaterra... Minas de Salomão... Notas Contemporâneas... Últimas páginas... Contos... Ernesto Haeckel... História da Criação... Origem do Homem... Os enigmas do Universo... Monismo... Religião e evolução... As maravilhas da vida... Faquet—Iniciação filosófica... Iniciação literária... Faria de Vasconcelos... Problemas escolares... Por terras de além mar... Ferreira de Castro... Sangue Negro... Como acabar o mundo... A Peregrinação do Mundo Novo... F. Castro e E. Farias—A Boca da Esfinge... Flammarion... Iniciação astronómica... Contos de luar... Como acabar o mundo... Os habitantes dos outros mundos... Felix le Dantec—As influências ancestrais... Filial de Almeida... Lisboa Galante... Estâncias de Arte e Saúde... Figuras de destaque... Actores e Autores... Contos... A Esquina... Aves Migradoras... Barber, Penteir... Cidade do Vício... Pasquinadas... Pais das Uvas... Vida errante... Vida irónica... Guerra Junqueiro—A morte de João... Musa em férias... Os Simples... A velhice do Padre Eterno (Encadernação de luxo)... Brochada... Gorki—Os Degenerados... Os Vagabundos... Na Prisão... Ibsen—Especros... Casa de bonecas... Jacquinet—História Universal, 2 v. Jaime Cortezão—Adão e Eva (teatro)... José Benedy—A ciência redentora (novela)... Jesus Pelozo—O mestre geral (novela)... Jorges Teixeira—Gatunos de Luva Branca—A Escamalia (peças de teatro)... Julião Quintinha... Visinhos do Mar... Cavalegada do Sonho... Terras de Fogo... Dor vitoriosa (novela)... Laisant—Iniciação matemática... Malvert—Ciência e Religião... Mário Domingues—Hugo, o pintor (novela)... Anastácio José (idem)... Manuel Ribeiro... Poder redentor (novela)... Mirbeau—O Jardim dos Suplícios... Nogueira de Brito... I—Memórias de Angela Pinto... Sange Fidalgo (novela)... Não, disse a Lei (novela)... Pamam—Origem da vida... Oliveira Martins... Helenismo e a Civilização Cristã... História da Civilização Ibérica... História da República Romana (2 volumes)... História de Portugal (2 vols)... Raças Humanas (2 vols)... O Brasil e as Colónias Portuguesas... Cartas Peninsulares... Sistema dos mitos e ficções religiosas... Orlando Margal... Águas claras... Imagens de Sonho... Raul Brandão... Os Pescadores... Os Pobres... O Teatro... Spenner—Da Educação (br. \$300) en... Sobral de Campos—Dois tipos (novela)... Tolstoi—A sonata de Kreutzer... Ana Karenine (3 vols)... Toulouse—Como se deve educar o espírito... Wenceslau de Moraes... Dai-Nippon... Victor Hugo... França e Belgica... O Reno (2 v.)... Os Miseráveis (2 grossos vols) ilustrados, encadernados... Zola... A Taberna... Teresa Raquin... Alegria de viver (2 vols)... A conquista de Plassans, (2 vols)... Fecundidade... A fortuna dos Rougons, (2 vols)... Uma página de amor... FOLHETOS Eliseu Reclus—Anarquia e a igreja... A Evolução legal e a anarquia... Gonçalves Correia—A Felicidade de todos os seres na Sociedade Futura... José Prat—A burguesia e o proletariado... A necessidade da Associação... Contem—Contra o confusãoismo... Alfredo Neves Dias—Razão (poema social)... Ernesto da Silva—Teatro livre... Arte Social... Landauer—Social Democracia... R. Mela—O principio do fim... A maçonaria e o proletariado... J. Most—Peste religiosa... João P. do Rio... Definições sociais... Horas anárquicas (versos)... Trovas da Noite... Roberto, o pescador... Memórias do Parque de São João do Forte... Carnet de Pensamento... J. Bakunine—O sentido em que os anarquistas... Chueca—Como não ser anarquista... Lazare—A Liberdade... B. Etvian—A minha defesa... J. Kropotkin... Os bastiões da guerra... Moral anarquista... O espírito revolucionário... O estado e o seu papel histórico... J. Guedes—Lei dos Salários... Briand—A greve geral... Roland—Russia Nova... O sindicalismo e os intelectuais... O Carvalho—A gestão sindical no período revolucionário... A. Hamon—A crise do socialismo... J. Santos—A transformação da sociedade... Neno Vasco... Georgicas... Greve de inquilinos, teatro... Proletariado Histórico... G. Archinof—A Revolução social e o Sindicalismo... Carlos Rates—Aditadura do proletariado... Emilio Chautier—Porque não creio em Deus... Rodolfo Rocker—O sindicalismo revoluc. e a organização operária

31-12-1926 OSMISTÉRIC DOPOVO N. 585

via nada, mas bradei: Alto! quem vem lá? Ao ouvir-me, quiseram fugir, mas não reparando numa poça de água gelada que ali estava, escorregaram e caíram, o que eu senti, perfeitamente. Disparei a espingarda para chamar auxílio, e lancei-me em perseguição deles; apanhei-os quando iam a levantar-se; agarrei-os a ambos pela gola do fato. Eles ainda tentaram fugir; mas, reconhecendo que eu tinha um pulso vigoroso, não fizeram mais resistência, e este homem começou a falar-me num calão ininteligível. Os nossos camaradas chegaram e aqui estão os prisioneiros. —Oh! pequeno saltador, tu enguliste agora um papell exclamou o capitão Martin precipitando-se, mas já muito tarde, para o pequeno, que acabava de levar a mão à boca como para engulir alguma coisa. —Vamos passar revista a estes patifes! exclamou o capitão. E erguendo bruscamente a blusa do pequeno, Martin notou que ele tinha a mão esquerda fechada; abriu-lha, e alguns pedaços de papel rasgado caíram no chão. João Lebrenn e Castillon não descobriram nada no reverendo Morlet. O capitão juntou os pedaços de papel que tinham caído no chão, e só neles viu algarismos. Depois de os examinar atentamente, disse: —Não há dúvida de que são dois espíões do inimigo. A carta está toda em algarismos, excepto dois nomes que leio nos fragmentos: Condé e outro a que faltam algumas letras... este nome é... Plouar... Plouar... —Plouarnel, com certeza! disse João Lebrenn. O ex-conde de Plouarnel, antigo coronel das guardas francesas; foi ajudante de campo do duque de Brunswick, e deve servir agora no corpo de emigrados do príncipe de Condé. —Isso é tanto mais provável, respondeu o capitão Martin, que o corpo dos ex-nobres faz parte do exército de Warmser, que temos de atacar logo pela manhã. —Amanhã vou talvez tornar a encontrar-me face a face com esse descendente dos Néroweg, com o mesmo a quem no ano passado salvei a vida! pensava João Lebrenn. —Tu ficas já despachado, meu tratante! disse o capitão ao jesuíta. Vais ser conduzido ao quartel geral, e provavelmente fusilado por espíão... após o prévio interrogatório... formalidade necessária!... O jesuíta, impassível, pareceu não perceber esta ameaça, e começou a berrar num idioma improvisado para a circunstância: —Rama ou xilik! —Sim, um chilique! disse rindo o capitão. E' claro como água... que deve ser enforcado! E tu, meu garoto, começa bem cedo o teu ofício de scelerado, de bandido!... Não te falta descaramento nem presença de espírito!... Foste sem dúvida o encarregado da carta, porque não serias suspeito, atendendo à tua idade, no caso de serem presos. E's ainda muito novo para seres fusilado, mas há de apanhar uma boa sôva, e depois há de ir para uma casa de correção. O pequeno Rodin mostrou-se digno do seu padrinho e mestre; nem pestanejou, e lançou ao capitão o seu olhar de reptil; depois, bateu no peito com ar compungido, e levou uma mão aos ouvidos e à boca, dando a entender com esta pantomima que era surdo-mudo. —Então és surdo-mudo, pobre pequeno? disse o capitão. Nesse caso estás livre! vai-te embora, e que os diabos te levem! Mas o pequeno Rodin conservou-se imperturbável parecendo não ter ouvido o capitão, e, saltando um doloroso suspiro, tornou a fazer sinal de que era surdo-mudo. Este suspiro, o gesto e a fisionomia do rapazito tinham uma tal expressão de sinceridade, que o capitão Martin e os voluntários que assistiam a esta scena inclinaram-se a crer que efectivamente o afilhado do jesuíta não ouvia nem falava. O capitão disse: —Se este pequeno é, como parece, surdo-mudo, há de se mandar para casa do abade Sicard, que terá nele um famoso discípulo. Mas tu meu velho patife, que não és surdo-mudo, has de receber o digno pre-

NENO VASCO

O SINDICATO, GRUPO LIVRE

Para funcionar normalmente, tem o sindicato profissional, órgão da resistência operária, que está livre e desembarado de quaisquer outras funções nitidamente separadas de qualquer outro órgão de função económica diversa. Concretizando: tem que rejeitar do seu seio as várias formas de mutualismo e de cooperativismo, tantas vezes embebidas com a resistência nas velhas associações operárias, aliás ainda numerosas.

Essa confusão de órgãos ou de funções refusa necessariamente em prejuízo da resistência, porque é esta a que mais contraria a «lei do menor esforço», a que mais energias e iniciativa exige dos sindicatos e dos militantes, a que mais responsabilidades põe em jogo, a que mais tira dos seus membros o «funcionalismo» — precisamente desenvolvido pela introdução, no sindicato, daquelas funções estranhas à resistência.

Ora, mesmo para as vantagens imediatas, a mutualidade e a cooperativa valem menos do que a resistência, a acção directa sindical.

Em quanto o operário se limita ao mutualismo, tirando dos seus magros recursos precárias economias para as ocasiões de doença, desgraça, invalidez ou desocupação, ainda que lhe junte o cooperativismo, não consegue cortar nos ganhos do parasitismo intermediário, as melhorias de situação, que sob o jugo capitalista são sempre transitórias e inseguras para ele, tornam-se então inteiramente ilusórias. Deixando ao capitalista o completo arbítrio na fixação do salário, dos preços e das rendas, na regulamentação das horas de trabalho, e na organização do trabalho, o trabalhador deixa-lhe o livre manejo das armas principais. Deixa-lhe mesmo a liberdade de reduzir os recursos dos trabalhadores, à medida que estes, pela associação cooperativa e de socorros mútuos, vão aprendendo a fazer face às necessidades da vida com o minguado fruto do seu explorado trabalho. Assim, sem a resistência activa ao patronato, o mutualismo e a cooperativa até servem e facilitam a exploração capitalista, fazendo-se fatores de resignação e passividade.

Sem a acção de resistência, nada feito, portanto. A associação operária de resistência, o sindicato, é indispensável, e antes ela sem as outras do que as outras sem ela. Muito mais do que a organização cooperativa, a associação mutualista ou cooperativa tende naturalmente para a adaptação do salário ao regime burguês, favorecendo mesmo a submissão às condições impostas pelo patronato.

Muito mais do que a organização corporativa, o cooperativismo e a mutualidade promovem a criação duma burocracia permanente parasitária — capaz quando muito de ser aproveitada, como «obra feita», como organismo de Estado, por algum «governo revolucionário», desconfiado da liberdade e iniciativa populares, receoso do trabalho directo dos interessados e com pressa de pôr termo às audácias inovadoras da revolução.

Sem aliás força, nem iniciativa, nem liberdade de movimentos para competir vantajosamente com o capital burguês, o cooperativismo acaba de desenvolver o espírito comercial e corromper as melhores intenções.

O sindicato, pelo contrário, e esta é a vantagem suprema, educa o proletariado na luta e na solidariedade contra o capitalismo — e essa luta é susceptível de desenvolvimento constante, tornando visível o antagonismo entre as classes sociais e palpável a necessidade duma completa emancipação.

Entretanto, quando não tenham outra utilidade, o mutualismo e o cooperativismo têm pelo menos a de desenvolver entre o operariado o espírito associativo e a capacidade administrativa, no caso de, bem entendido, serem exercidos directamente pelos próprios operários, e não por burocratas, patronos, filantropos, beneméritos e outros protectores. E isso embora se tenha como discutível a vantagem atribuída ao cooperativismo de manter e consolidar as conquistas do sindicalismo e de preparar produtores para a organização da distribuição dos produtos numa sociedade comunista.

Mas se, sem a resistência, o mutualismo e o cooperativismo são apenas impotentes, já passam a ser danosos e malfélicos quando embebidos e confundidos com a resistência, no sindicato. Em vez de confiar na acção, na propaganda e na experiência da luta operária, muitos militantes de vistas curtas querem precipitar o recrutamento de trabalhadores para a associação por meio de engodo dos socorros mútuos e da cooperativa; e este engodo em breve vem a paralisar ou a matar a acção de resistência, absorvendo toda a actividade associativa e fomentando o espírito conservador.

Os operários entram para a associação mista (ou «de bases múltiplas») sem disposição para a luta e apenas com a mira no subsídio ou nas vantagens cooperativas. Lá dentro, opõem-se a qualquer acção um pouco enérgica, capaz de comprometer aqueles benefícios. E do seu lado os administradores, — especialmente quando são mais ou menos permanentes, quando formam capelinha ou grupos que se alternam à laia de alcátrizes de nora, — juntam à costumeira preocupação burocrática de perder o lugar e o prestígio, e ao receio, mais nobre de conduzir os administrados à derrota, o pavor terrível dos que têm finanças e largos fundos a gerir: o medo de angustiar os sócios cotizantes, de provocar o enervamento da associação e o confusão dos seus bens, de levar a empresa à falência.

O sindicalismo necessita, pois, de ser livre e independente, não só dos partidos políticos, mas ainda das outras organizações económicas de carácter e fins diversos, e a resistência deve ser a única função sindical. A própria união federativa com essas organizações, com o direito, para elas, de intervir na acção sindical, sobretudo nos movimentos e decisões de ordem geral, é um perigo para o livre desenvolvimento e manifestação dessa acção, como o reconheceu, há anos, um congresso operário italiano, aliás sob a influência de socialistas moderados (moção Cabrin). O exemplo da Bélgica era, desde longa data, bem instrutivo.

Mas há outro exemplo de singular força

nesta momento: o da Alemanha. Assim como a social-democracia, com os seus milhões de eleitores, não passava dum amálgama de partidos, abrangendo dirigentes e dirigidos por outros países se acham distribuídos por partidos diversos, com ou sem socialismo — vários matizes de socialismo parlamentarista e vários matizes de democracia, desde o republicano ao simples liberalismo radical — assim também a organização operária unificada, com milhões de cotizantes, agrupava tendências e propósitos que em outros países se espalhavam por organizações diferentes. A lei confiava aos sindicatos a administração dos seguros contra a doença, cujas cotas são obrigatórias. De modo que a «poderosa» organização tinha um limitadíssimo espírito combativo.

E os que, antes de 1914, mais nos matabam o bicho do ouvido com o número, a riqueza, a organização, o método sábio da social-democracia e da organização operária alemã fingiam durante a guerra verberar com indignação a impotência e a disciplina passiva desses colossos fictícios! Tartufos!

II

Qualquer coacção exercida sobre o operário não associado produziria o mesmo efeito que os falsos engodos mutualistas.

Nós queremos, naturalmente, que o sindicato agrupe o maior número possível de salarizados da respectiva profissão ou indústria, e se puder ser a totalidade, tanto melhor.

Por isso, queremos o Sindicato largamente aberto a todos esses trabalhadores, sejam quais forem as suas possibilidades e condições. Combatemos aquelas fortalezas trade-unionistas que, depois de vedar a entrada com as jolas e cotas, na oficina, aos mais pobres, fazem guerra, na oficina, aos não-iniciados na sua maçonaria de novos privilégios. Reclamamos sindicatos de franco acesso, sem impedimentos nem taxas proibitivas. Sindicatos que não rejeitem nem expulsem ninguém por ideias, e tenham para todas as opiniões a maior tolerância.

Mas, assim como queremos que a associação de resistência não feche a porta a ninguém que tenha o direito de ingresso pela sua situação profissional, assim também desejamos que ninguém seja coagido a entrar ou a ficar.

A coacção, em geral sob a forma de boicotagem contra os não-associados, quer para excluir da união de ofício e depois... privar de trabalho os excluídos, quer para arremeter os refractários à organização, favorece os ódios e atritos entre o proletariado e leva-o muitas vezes à divisão no único terreno em que ele pode e deve estar unido. Quando não provoca a constituição de organizações rivais, reformistas e revolucionárias, faz muito pior: proporciona a facéis recrutadas aos governos e ao patronato, para as suas políticas públicas e particulares, para as suas agremiações de amarelos e fura-greves, para os seus rebanhos cristãos e católicos, sob a chefia dos clérigos.

E todos esses riscos para quê? Para encorporar no Sindicato alguns números sem vontade, para obter algumas adesões formais ou mesmos hostis, pouco dispostos à acção e à solidariedade — que não se torna efectiva senão quando é consiente e voluntária.

Demais, para que os sindicatos possam impor, pela boicotagem na oficina ou pela coacção directa, a encorporação dos refractários, é preciso que constituam a maioria e tenham a força bastante para isso. E nesse caso, mais escusado e contraproducente se torna o acto!

O não associado, aliás, não é precisamente, necessariamente, um amarelo, um fura-greves. No momento da luta, entram em acção a maior parte dos desorganizados, arrastados amiúde pela iniciativa duma minoria activa e consiente, e é então, ou depois de obtidos os frutos do esforço colectivo, que eles acodem espontaneamente ao Sindicato.

III

Mas há mais. A própria questão dos amarelos tem que ser tratada com extrema prudência.

Muitos destes seres, que tanta indignação suscitam entre o proletariado em luta para conquistar um melhoramento, são de generados, alcoólicos, embrutecidos, tristes frutos da miséria, do excesso de trabalho.

Muitos também são apenas inconscientes dos seus verdadeiros interesses, de quanto o operário ganha em ser solidário com os companheiros e em lutar, unido a eles, contra a exploração capitalista, mas são muitas vezes curáveis por meio da acção, da experiência, e também, a nosso ver, dispensando-lhes uma certa dose de benevolência e generosidade.

Há ainda outros que, embora conscientes do erro que praticam, a eles são arrastados por fraqueza de espírito, por timidez, por uma circunstância fortuita, accidental, que não os fará para sempre traidores, ou por miséria e ainda por um erro de tática dos companheiros organizados. Muitas vezes a traição dependeu de circunstâncias accidentais, o seu autor facilmente a reconheceria e remediará. Mas não o deixam, fazem com que perca a vergonha: já agora continuará. Sucede-lhes já como aos condenados da justiça burguesa; já que não lhe permitem reabilitar-se, reincide.

A perseguição exaspera-o, e se fica desocupado, a miséria vem ajudar a exasperação.

Certamente, na hora da luta, compreende-se que os fura-greves sejam tratados rudemente. Então é um caso de legítima defesa, e o momento não é para incógnitas e fraquezas, nem as vezes para discussões. Não há tempo para isso.

Compreende-se que não falamos aqui em nome dessa falsa «liberdade de trabalho», que os escravizadores do trabalho, os patrões e os governos, invocam por ocasião das greves. O que eles querem dizer na sua «liberdade de traíra», liberdade para o trabalhador inconsciente, de trair a sua própria causa, os seus próprios interesses, em benefício da burguesia, da opressão do trabalho; ao passo que chamam «traíção», nas suas guerras, ao acto de quem, não tendo pátria nem património,

O SINDICALISMO EM MARCHA

Os metalúrgicos de Viseu organizam-se

VISEU, 27. — Com a presença de Saul de Sousa, delegado do Comité Federal Metalúrgico do Norte, realizou-se uma importante sessão de propaganda sindicalista no Sindicato Único Metalúrgico desta cidade.

A sessão, que teve início às 19 horas, numa das salas do Grémio Alberto Sam, foi gentilmente cedida pela direcção — foi iniciada pelo camarada Gilberto de Carvalho.

Iniciou o seu interessante discurso, saudando os metalúrgicos do país na pessoa do delegado do Comité Metalúrgico do Norte.

Descreveu a situação misérrima que atravessam os trabalhadores desta cidade, entre os quais os metalúrgicos, e exaltou a necessidade de todos se organizarem, não de nome mas sim de facto.

Concedida a palavra ao delegado do Comité Metalúrgico, este retribuiu as saudações aos metalúrgicos visenses.

Entrando no assunto que provocou esta sessão, principia por demonstrar com vasta argumentação o valor da «Solidariedade» sem a qual os metalúrgicos, como todos os trabalhadores, nada serão individual ou colectivamente.

Detalhadamente descreve o que é o Sindicato, o seu valor tendo a presidência uma ideia, o que é a Federação, a Câmara Sindical, a Confederação Geral do Trabalho e por último a Associação Internacional dos Trabalhadores.

Por último encareceu a necessidade dos metalúrgicos de Viseu darem ingresso imediato na respectiva Federação, habilitando-a a bem desempenhar-se da missão que lhe está indicada cumprir.

Segue-se Francisco Moreira, da Construção Civil, que na mesma ordem de ideias aconselha os metalúrgicos visenses tal qual a Construção Civil a aderirem à sua Federação de Indústria.

Carlos Ferreira, do Comité de Propaganda e Acção Sindical, explica à assembleia quais as intenções do Comité que representa, exalta o valor do sindicalismo revolucionário e apela para que os presentes facilitem a acção do Comité.

Gilberto de Carvalho, como metalúrgico e secretário adjunto do novel sindicato, diz que aspirando ver todos os escravos organizados, é maior o seu desejo vê-los exercer essa acção conscientemente.

Essa consciência — diz — consegue-se com a ideia e essa ideia com o estudo. Assim, ele apela para os metalúrgicos presentes no sentido de frequentarem o sindicato onde poderão obter a suficiente instrução e com esta a consciência revolucionária que os conduzirá, como a todos os escravos, à sua emancipação.

Descreve à assistência o que é o Sindicalismo e seu valor e apresenta, em nome da comissão administrativa, uma moção do seguinte teor, que é aprovada por unanimidade.

«Os operários metalúrgicos de Viseu, reunidos hoje, com a presença do delegado do Comité Federal Metalúrgico do Norte, reconhecendo que a organização só terá valor, quando integrada nos principais objectivos do Sindicalismo Revolucionário e presidida pelo espírito de Solidariedade; e considerando que o Comité Federal Metalúrgico do Norte se propõe facilitar de princípio a acção deste sindicato;

Os metalúrgicos visenses resolvem: Aderir imediatamente à Federação Metalúrgica em Portugal, bem como à Confederação Geral do Trabalho, por intermédio do seu Comité do Norte;

Fazer sentir à Federação Metalúrgica o desejo que os anima de a ver integrada na C. G. T. seguindo o caminho traçado pelos seus congressos corporativos e nacionais; Iniciar a propaganda e acção atinentes a constituir, junto com os sindicatos de Viseu, a Câmara Sindical do Trabalho.» — C.

Aula de Militantes e de Educação Mútua

Teve ontem lugar, na sede do Núcleo de Juventude Sindicalista de Lisboa, a segunda lição desta Escola, que constou de exercícios de redacção e do tema «A missão das Juventudes Sindicalistas», exposto por Emílio Santana.

Em seguida, pronunciou-se António de Sousa, sobre o mesmo assunto, ficando oito camaradas com a palavra reservada.

Na próxima semana António de Sousa fará a sua exposição sobre o tema «A cultura mental do indivíduo».

A estas lições podem assistir não só filiações, como militantes operários e sócios auxiliares.

não se recusa a arriscar a vida por interesses alheios.

Admitimos, pois, naturalmente, que o trabalhador, na luta pelos interesses colectivos, se defenda enérgicamente contra a traição, — embora, nas greves modernas, o grevista tenha que recorrer ao emprego de meios que impossibilitam a «normalização dos serviços» (estilo oficial) e tornem impotente a traição dos amarelos da classe operária, assim como o zelo dos «voluntários» da burguesia.

Mas decorrida essa hora em que «quem não está conosco é contra nós», achamos que a generosidade é o melhor tratamento para esses maus irmãos, sobretudo quando ela parte de vencedores.

Fazer-lhes sentir quanto tem de repugnante, e sobretudo de nocivo, aos interesses seus e de todos, a sua conduta, está muito bem; mas fazer cair sobre eles uma pena perpétua, uma perseguição constante, é bárbaro e perigoso.

Os patrões, os dominantes ganham imensamente com esses ódios, essas brigas continuas entre os explorados; nestas discórdias, repetimos, têm forte apoio as organizações de guardas, de amarelos, de «democratas cristãos», postas ao serviço do capital.

O mais largo espírito de solidariedade e benevolência, sem tibieza, deve dominar nas relações entre os trabalhadores.

(Continua)

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro útil às boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Redidos à administração de A Batalha.

Os explorados não necessitam de política, leis, religião nem governo. Os que defendem a política são os que esperam viver à custa do Estado.



EM LOURENÇO MARQUES

A falsa honestidade dos homens que perseguiram os ferroviários

Loiureço Marques, Novembro. — O jornal O Direito apreciou assim a situação em Moçambique:

«Havemos ainda de sentir por muito tempo os efeitos da administração do sr. Azevedo Coutinho, quer pela parte moral, que nos arrastou pelas ruas da amargura, quer pela parte material.

O que se praticou nesta colónia durante os 19 meses de governo, é quase inconcebível. Nunca teria sido possível prever que se chegasse onde se chegou.

A situação azevedista tudo fez. Se chegasse onde se chegou, e se houve compradores, não faltou também quem se vendesse.

Todos os meios serviam; todos os recursos de que pudéramos dispor foram usados.

Quando havia relutância em ceder em troca de dinheiro, aparecia a violência como auxílio, e ou os que eram renitentes se curvavam, ou tinham de expatriar-se para não serem perseguidos como feras, acusados de faltas ou de crimes que nunca praticaram.

E não foram poucos os que viram a liberdade ameaçada e que tiveram de procurar no exílio a segurança que as leis lhes garantiam, mas que os seus executores lhes negavam. Tempo de violência e de terror, absolutamente desconhecido na colónia, mesmo no tempo em que os hostes do Gungunhana ameaçavam razer esta cidade.

A imprensa que não foi amordaçada estava ao lado da situação, cheia de benesses e de cambiais, de que se fazia larga distribuição para comprar apolo. A fôrma branca conseguiu encher os seus celários e por toda a parte aparecia denunciando e caluniando as reputações de ninguém falava, ninguém se queixava, tal era o receio dos mastins da situação.

Toda a gente desconfiava daqueles que se aproximasse, porque, no meio de tanta falência moral, nem já se distinguiam os homens de bem da falange dos vendidos.

Como se conseguiu isto? Como se conseguiu dispor de tanto dinheiro, sem que as verbas orçamentadas o fossem buscar?

FESTAS ASSOCIATIVAS

Construção Civil de Tires

Passa amanhã o 13.º aniversário da fundação do Sindicato da Construção Civil de Tires.

Passa também o 2.º aniversário da fundação da Caixa de Auxílio na Doença aos seus associados, a qual, apesar de recente constituição, já grandes serviços tem prestado aos seus sócios que, prostrados pela doença e impossibilitados de trabalhar, se viam em luta atrás com a falta de recursos para se alimentar e aos seus.

Não devendo esta gloriosa data passar despercebida e para que sirva de incentivo a todos os camaradas, resolveram as comissões administrativas destes organismos distribuir um manifesto ao povo trabalhador de Tires e arredores para assistir à sessão solene que se realiza amanhã, às 16 horas, na sede do Grupo Musical e Dramático Solidariedade Operária de Tires, na qual deverão fazer uso da palavra, além dos representantes dos sindicatos do concelho de Cascais, delegados da Confederação Geral do Trabalho e da Federação da Construção Civil. A sessão será abrilhantada pelo Grupo Musical, que gentilmente acedeu ao convite dos organismos promotores.

S. U. da Construção Civil do Porto

A fim de comemorar o 7.º aniversário da fundação deste organismo realizar-se há no próximo dia 7 de Janeiro, pelas 20 horas, na sede do Centro Comunista Libertário, à rua de Entreparedes, 33, 1.ª, uma imponente sessão solene.

Estão sendo enviadas circulares-convites aos sindicatos operários do Porto e arredores, bem como a vários organismos libertários. Foram também convidados a C. G. T., Federação Nacional da Construção Civil, Federação das Juventudes Sindicalistas e C. S. T. do Porto.

Para que tenha maior brilho esta festa, um grupo de amadores dramáticos recitará várias poesias e monólogos sociais, e um excelente grupo musical executará vários trechos do seu repertório.

No próximo dia 6 será profusamente distribuído pelas obras e oficinas um incisivo manifesto convidando os trabalhadores a comparecerem na referida sessão.

Reúne-se a comissão administrativa deste sindicato no dia 6 de Janeiro, às 21 horas precisas.

FIGUEIRA DA FOZ

A Batalha vende-se nesta localidade na barbearia de Firmo Ferreira Pinto da Fonseca, na rua da República, 132.

Solidariedade

Pró Joaquim Meira

No cinema de Bemfica realiza-se amanhã uma grandiosa festa, que principia às 20 horas, em homenagem a Joaquim Meira, com o seguinte programa: 1.ª parte — Faleira sobre «Solidariedade»; acto de variedades, pelos amadores José Falcão Pombeiro, José Marques, António Santos e António Machado; Canção Nacional, pelos cultivadores Carlos Pintocor e Joaquim Costa, sendo os acompanhamentos feitos pelo guitarrista Carlos Freire e seu viola Luís Augusto. 2.ª parte — Continuação do acto de variedades, pelos distintos amadores João Soledade, Francisco Moura, António Machado, José Pombeiro, António Santos e José Marques; Continuação da Canção Nacional, pelos cultivadores António Fialho e João Caetano. 3.ª parte — O amor José Marques representará o monólogo cómico «O Lirinha», original de Mário Rodrigues Correia; Canção Nacional, pelos cultivadores António Fernandes Carramim e Mário Rodrigues Correia. Abre-lha esta festa o grupo musical «Flor de Maio».

VIDA SINDICAL

Comunicações

Sindicato dos Profissionais da Imprensa. — Em virtude do falecimento do nosso camarada Sarmiento Duque, ficou adiada a conferência que se devia realizar ontem na sede do Sindicato dos Profissionais da Imprensa de Lisboa.

Operários Municipais. — Reuniram-se os corpos gerentes e, entre outros assuntos, apreciaram um ofício do Socorro Vermelho, sendo resolvido submetê-lo à apreciação da assembleia geral. A comissão administrativa pede a comparencia de todos os cobradores acompanhados da respectiva cobrança, até domingo próximo, às 17 horas.

Convocações

REÚNEM HOJE:

Compositores Tipográficos. — Pelas 18 horas, a assembleia geral para eleição dos corpos gerentes para 1927 e outros assuntos.

Sindicato Único dos Fogueiros. — Pelas 19 horas, com a seguinte ordem dos trabalhos: Leitura de actas, nomeação do delegado da pesca, apresentação dos trabalhos da comissão revisora de contas, posse dos novos corpos gerentes e exposição pela direcção do caso do ex-tesoureiro.

S. U. da Construção Civil. — Não tendo reúnido ontem, como estava anunciada, a assembleia geral do sindicato, por falta de número, fica a mesma convocada para hoje, pelas 20 horas, com a mesma ordem de trabalhos, funcionando com qualquer número de presentes. Sendo de grande importância os assuntos a tratar, é conveniente a presença de todos os sindicalistas.

— São convidados os secretários das secções sindicais, bem como os cobradores dos organismos instalados na nossa sede a comparecerem também, para levarem o jornal o Construtor, para ser distribuído aos sócios.

Secção profissional dos pedreiros. — A comissão administrativa, às 21 horas, para tratar de um assunto importante.

Pessoal de Cámaras. — Pelas 20 horas, assembleia geral, para apreciar as causas do conflito havido com a tripulação do navio «Nyssa» e outros casos de importância para a vida sindical.

Refinadores de Açúcar. — Pelas 20 horas, assembleia geral.

Manipuladores de Pão. — Pelas 16 horas, a Comissão Administrativa, para assuntos urgentes.

DIAS PRÓXIMOS

Federação da Construção Civil. — Secção Federal do Norte. — Reúne-se terça-feira próxima, pelas 20 horas, com a seguinte ordem: Relatório da delegação ao Minho, relatório do delegado a Paredes, resolver sobre a confecção do relatório social e financeiro da secção, diversos assuntos.

Federação Corticeira Nacional. — Reúne no próximo domingo o Conselho Federal deste organismo, na sua sede em Metula, pelas 11 horas, para assuntos importantes, sendo indispensável a comparencia de todos os delegados.

Sindicatos da província

Corticeiros de Aldegaleta. — Reuniram-se em assembleia geral com a presença de um delegado da Federação Corticeira, António Bento, delegado da Federação, espraiou-se em considerações sobre o valor da organização operária, e, lamentando que os operários corticeiros ainda não se comprometessem dos seus deveres para com o sindicato accorrendo às sessões, historiou os movimentos da classe corticeira e explicou a acção da Federação junto do governo para o debelamento da crise de trabalho e desenvolvimento da indústria.

Juventudes Sindicalistas

Núcleo de Lisboa. — Reúne hoje, pelas 20,30 horas, a assembleia geral deste núcleo com a seguinte ordem de trabalhos: Apreciar o ofício do Comité pró-présos por questões sociais, o referendo enviado pela Federação os núcleos e outros assuntos de organização juvenil.

Federação. — Por motivos de força maior fica adiada a reunião do Conselho Federal.

Secção Federal de Propaganda do Norte. — Reúne-se este organismo federativo com a comparencia da maioria dos seus membros. Do expediente constava um ofício emanado desta secção. Como a federação concordasse e habilitasse este organismo a enviar um delegado a Viseu, foi resolvido oficiar aos camaradas daquela localidade a fim de convocarem uma sessão para o dia 9 de Janeiro, ou comunicarem um outro dia.

Procedeu-se à nomeação do delegado a Viseu sendo indicado o secretário geral.

Presente o boletim da federação foi resolvido arquivá-lo.

A fim de resolver assuntos de importância para a organização juvenil do Norte, entre os quais o último trabalho que se prendem com a delegacia a Viseu, reúne-se esta secção com todos os seus membros às 21 horas do dia 4 de Janeiro.

Uma reunião

Os industriais corticeiros de Lisboa e arredores reúnem no dia 6 de Janeiro, pelas 14 horas, na calçada dos Barbadinhos, 6, a fim de tratarem de assuntos que se prendem com a crise de trabalho.

Horário de trabalho

As disposições legais

A secção editorial de A Batalha acaba de editar, em folheto, o decreto 533, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no Diário do Governo de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço avisado de 150. Os sindicalistas que desejarem adquirir quantidades terão-há um abate de 50 por cento em pacotes de 50 folhetos.

Redidos a administração de A Batalha

SOCIEDADES DE RECREIO

Sociedade Filarmónica «União Chelone». — H-je baile, às 21 horas, abrilhantado por um excelente grupo musical.

Concentrarão os seus do 24 de Agosto. H-je baile, às 21 horas.

H-je baile, às 21 horas.